

# **A Linguística e suas formas de abordagem do fenômeno da linguagem**

**Agenda(s) e aspecto(s)  
metodológicos**

Ana Paula El-Jaick  
Christiano Almeida  
Fernando Freitas  
Marcelo Viridiano  
Olívia Bogo

## 1. INTRODUÇÃO: A LINGÜÍSTICA E SEUS ASPECTOS METODOLÓGICOS

A forma como a Linguística aborda o(s) fenômeno(s) da linguagem sofre, assim como qualquer área científica que alarga seu campo de atuação com o passar do tempo, constantemente alterações e implementações, não só pelo fato de que a linguística tem a possibilidade de selecionar aspectos gerais ou específicos para a sua análise, mas também pelo dado de que, na esteira da própria disciplina Linguística, alguns métodos já não se configuram como os mais adequados para tal. Como destaca Auroux (1992, p. 12), “é preciso se render à evidência: a *lingüística*, que tira seu nome de um neologismo alemão (1777) reutilizado por J.-S. Vater em 1808 e adaptado em francês em 1812 (cf. Auroux, 1978a), é uma forma de saber e de prática teórica nascida no século XIX em um contexto determinado, que possui objetos determinados” ou seja, em linhas gerais, o estudo das línguas e de seus parentescos genéticos (AUROUX, 1992, p. 12). Logo, é plausível considerar que as agendas de investigação linguística estejam relacionadas, por um lado, ao contexto em que determinadas abordagens sobre a língua e a linguagem ocorrem e, por outro, à investigação de qual é o objeto de maior interesse da comunidade linguística em um dado momento. Entram em jogo, portanto, as agendas a que os linguistas pretendem dar seguimento. Suas escolhas teóricas e metodológicas vinculam-se, dessa forma, a uma dupla articulação, isto é, a qual fenômeno abordar e de que forma.

O *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure, fornece-nos a distinção mais elementar do que se tornaria, daquele ponto em diante, o *habitat* natural dos linguistas em seu primeiro momento ao abrir caminho para o tão conhecido *Estruturalismo*<sup>1</sup>, figurando, dessa forma, junto com o *Gerativismo* proposto por Noam Chomsky (1957), o que se convencionou designar de “abordagem formalista” nos Estudos da Linguagem. As aspas aqui pretendem ressaltar a abrangência do termo que amalgama perspectivas de linguagem bastante peculiares, mas com a coincidência

---

1. Cf. Sanders (2006, p. 02): “O Estruturalismo foi uma escola de pensamento (para alguns) ou um método (para outros), que por várias décadas da metade do século vinte dominou algumas disciplinas: linguística, crítica literária, antropologia, filme e crítica midiática, só para mencionarmos alguns, e que teve um forte impacto sobre outras, da psicologia e filosofia à economia.”. [cf. “Structuralism was a school of thought (to some) or a method (to others) which for several decades of the second half of the twentieth century dominated some disciplines – linguistics, literary criticism, anthropology, film and media criticism, to mention but a few, and which had a strong impact on others, from psychology and philosophy to economics.”]. (Todas as traduções são livres e de nossa autoria).

de que, conforme resume G. Leech, os ditos “formalistas” entendem as funções da linguagem como fenômenos externos que não influenciam a forma interna do sistema linguístico, da faculdade da linguagem (LEECH apud MARCUSCHI, 2008, p.44).

A proposta de uma linguística científica aberta por Saussure previa, então, uma metodologia científica: de início, foi preciso criar um objeto homogêneo, uniforme, socialmente estabilizado, a *langue*, conforme pregava a visão de ciência novecentista. Saussure previu, mas não fez aquilo que chamou de “linguística da fala” - em vez disso, foi a “linguística da língua”, com uma metodologia geral, que ficou ali estabelecida. Assim, vemos que o debate travado em fins do século XIX acerca da natureza da ciência e dos fundamentos epistemológicos da pesquisa científica embasam a busca saussuriana na fixação de seu objeto científico de análise. Este não podia ser particular, e sim universal<sup>2</sup>.

A perspectiva chomskyana de linguagem entra aqui nesse “guarda-chuva” formalista entendendo como projeto científico a descrição do funcionamento de nossa Gramática Universal inata. Nesta visão, a linguagem humana é biológica, o que significa dizer que nascemos dotados de um aparato cognitivo específico para a aquisição e o processamento linguísticos. Essa faculdade da linguagem, uma vez que faz parte da condição humana, é universal - não que Chomsky (ou Saussure) ignore as particularidades das variações linguísticas, mas importa analisar como um “falante ideal” adquire e processa a linguagem. Neste termos é que podemos aproximar Saussure e Chomsky de metodologias de uma ciência controlada.

Em geral se coloca como marco nos Estudos da Linguagem os anos 1950-1960 como época em que essa universalidade da abordagem linguística é colocada em xeque. A chamada *virada pragmática* nos estudos linguísticos é assim designada para enfatizar a onda de questionamentos a concepções de que se pode ter um método científico único, universal para aquilo que é diverso: a linguagem humana.

Inspirados pela *virada linguística* na filosofia no início do século XX e de um dos seus ramos, a chamada Filosofia da Linguagem Ordinária, linguistas viram em autores como L. Wittgenstein (naquela que é entendida como “segunda fase” de seu pensamento) uma compreensão de língua anti-essencialista, antimetafísica: a língua, como uma atividade, como uma práxis, que, dessa forma, não pode ser analisada senão dentro de suas próprias práticas discursivas, de seus *jogos de linguagem*.

Se a Linguística e conseqüentemente seus agentes (linguistas) deparam-se com a *virada pragmática* nos anos 1950 e 1960, pouco tempo depois ou quase que concomitantemente o campo também iniciou, ancorado no

---

2. Contudo, é importante ressaltar que o próprio Marcuschi afirma que, com a ideia de que o signo linguístico tem seu valor definido dentro do sistema sógnico pela *função* que exerce naquela estrutura, Saussure também pode ser considerado um funcionalista antes do funcionalismo (cf. MARCUSCHI, 2008).

trabalho pioneiro de Labov (1966), outra grande agenda investigativa, isto é, a Sociolinguística, cujas bases se alicerçam, de forma contundente, nos fenômenos sociais, promovendo assim uma “nova forma” de observar e analisar o material linguístico - que, deste ponto em diante, emprega um método e uma metodologia para descrição e explicação da língua que parte dos usos e, portanto, das variações linguísticas das diversas comunidades de fala. Nas palavras de Calvet (2002 [1993], p. 53-54):

[...] os anos de 1970 vão constituir uma virada... e essa atividade em várias frentes é um indicador irrefutável de mudança: a luta por uma ‘concepção social da língua’ está em vias de se concretizar.

O pesquisador francês, em suas considerações, ressalta o processo de “especialização” da Sociolinguística ao destacar o surgimento de periódicos e um rol de referências bibliográficas<sup>3</sup> sobre o tema que vinham sendo maturadas ao longo da década de 1960 e que culminaram com a chegada desta “nova forma” de se fazer linguística dos anos 1970 em diante.

Longe de estarmos nos destinando a realizar uma empreitada cronológica e linear das formas de se fazer linguística ao longo do século XX, o que ensejamos é trazer à tona também o dado de que, concomitante a toda discussão que se trava(va) tanto no campo da Pragmática, quanto no da Sociolinguística, outra agenda de pesquisa já havia se iniciado em meados da década de 1940, mas cuja eclosão deu-se por volta das décadas de 1980, isto é, a Linguística Aplicada (LA).

Essa vertente dos estudos da linguagem teve como ponto de partida uma vinculação com o ensino e a aprendizagem de língua(s)<sup>4</sup>, principalmente o ensino de língua estrangeira, em grande parte, como destaca Moita Lopes o “ensino da língua inglesa”(2009, p.16). Por sua vez, devido ao

---

3. Cabe-nos ressaltar a importância que os periódicos e as associações linguísticas, sempre em conjunto com as pesquisas universitárias, promovem não só a “especialização” de uma determinada área pesquisa e seus agentes, bem como torna-se parte fundamental da “profissionalização” de tais matérias. Tomamos de empréstimo tais aspectos da reflexão de Koerner (2014[1994b], p.25-26) ao mencionar, em sua argumentação, que os periódicos, monografias produções bibliográficas demonstram o amadurecimento de um campo de pesquisa.

4. Cf. Rees-Miller (2003, p. 638): “O termo Linguística Aplicada (LA) data por volta dos anos de 1940 nos EUA, quando linguistas aplicaram um método analítico à problemas práticos de produção de gramáticas e livros de fraseologias e de desenvolvimento de cursos de idiomas para os militares, especialmente nas línguas do Pacífico, que eram pouco conhecidas no ocidente. Como um dos resultados dessa história, o termo LA foi, primeiramente, associado ao ensino de línguas.” [cf. The term applied linguistics dates back at least to the 1940s in the USA when linguists applied analytical methods to the practical problems of producing grammars and phrasebooks and developing language courses for the military especially in languages of the Pacific that were little known in the west. As a result of this history, the term applied linguistics first became associated with language teaching.].

caráter in(ter)disciplinar<sup>5</sup> que ocupa significativamente a agenda dos pesquisadores em LA, o campo está constantemente em vias de receber *insights* metodológicos e epistemológicos das disciplinas com as quais estabelece relação (MOITA LOPES, 2009). E, uma vez que a LA evoca para si discussões sobre “problemas sociais em que a linguagem assume um papel central” (MOITA LOPES, 2009, p. 19), o que se observa, de fato, é um quadro metodológico cada vez mais abrangente, no qual a “Linguística não é a única disciplina que fornece o quadro teórico essencial” (MOITA LOPES, 2009, p. 19).

Levando em conta todas as considerações tecidas até esse momento, podemos dizer, por meio das palavras de Oliveira & Wilson (2008, p. 241), que “assumir uma perspectiva teórico-metodológica implica assumir crenças e valores a ela vinculados. Tais crenças e valores estão relacionados à questão de apropriação de conhecimento e à forma com que essa apropriação é realizada.” Dessa consideração de Oliveira & Wilson (2008) podemos resgatar a posição de Auroux que pontua não haver no fazer científico uma posição de “neutralidade epistemológica” (1992, p.14)<sup>6</sup>, reconhecer tal aspecto promove ao linguística – aquele que está consciente de que seu trabalho decorre de um feixe critérios (MARTIN, 2003, p.20) – uma possibilidade de ajustar e/ou reajustar suas escolhas metodológicas e produzir uma agenda investigativa mais coesa. Esse direcionamento metodológico não está presente apenas nos estudos linguísticos, mas também em outras disciplinas e práticas das ciências da linguagem, como é o caso da lexicografia e da gramaticografia. Tanto o lexicógrafo, quanto o gramático pré-selecionam o material linguístico a ser descrito, analisado e explicado<sup>7</sup>.

Em síntese, esse brevíssimo panorama da Linguística no século XX serve como pano de fundo para se ver como os onze artigos que compõem o volume atemático aqui presente abordam o fenômeno da linguagem dentre as mais diversas metodologias de análise. Os trabalhos selecionados para este periódico trazem contribuições significativas sobre os estudos da linguagem em suas múltiplas facetas e visam a disseminar discussões teóricas, metodológicas e práticas exploradas por linguistas à comunidade científica.

---

5. Para se aprofundar em um percurso histórico das “viradas” intrateóricas da LA com a relação à gramática gerativa-transformacional, à linguística do discurso, assim como para uma análise mais profunda dos ganhos advindos das teorias de Vygostsky e Bakhtin para a Linguística, sugerimos Moita Lopes (2009), em que defende um posicionamento da LA como “indisciplinar”.

6. Cf. Auroux (1992, p. 14): “a neutralidade epistemológica decorre imediatamente de nossa forma de abordar o objeto: não faz parte de nosso papel dizer se isto é mais ciência do que aquilo, mesmo se nos acontecer de sustentar que isto ou aquilo é concebido como ciência, por esta ou aquela razão, segundo este ou aquele critério.” [Itálico do original].

7. Ver Auroux (1992, p. 65).

## 2. LINGUÍSTICA APLICADA, LINGUÍSTICA INDISCIPLINADA - LINGUÍSTICAS...

O artigo “Tendencias for Future Research on English Speaking Anxiety in Confucian Heritage Culture (CHC) Students and Teachers”, de Allan Cordeiro, investiga as causas e consequências da Ansiedade em Língua Estrangeira (FLA) na Aquisição de uma Segunda Língua (SLA). O foco de pesquisa foram estudantes de Culturas de Herança Confucionista (CHC). A justificativa para essa escolha se deu porque tais alunos apresentam as taxas de FLA mais altas em todos os grupos étnicos. A metodologia se centrou em um pano de fundo teórico a partir de uma série de artigos coletados em periódicos. Como resultado essa pesquisa mostra que há uma influência de fatores emocionais que contribuem para a ansiedade em sala de aula. Nesse caso, não apenas há uma propensão natural à ansiedade, mas outros fatores concorrem para agravar essa situação, como as atividades propostas pelos professores e até mesmo alguns atributos dos docentes: o tom de voz, o gênero e a roupa do professor podem afetar os níveis de ansiedade discente.

Já o artigo: “A aprendizagem colaborativa no contexto da EJA: algumas reflexões à luz das teorias bakhtinianas”, de Lucielena Mendonça de Lima, Carla Janaina Figueredo e Maria Carolina Terra Heberleim discute a responsividade de alunos de Inglês Instrumental da EJA frente a uma atividade pautada em princípios da Aprendizagem Colaborativa, observando como se caracteriza a alteridade constitutiva nesse contexto. Trata-se de uma pesquisa qualitativo-interpretativista, aplicada a um estudo de caso, realizada com oito alunos do Ensino Médio Técnico Integrado na modalidade EJA do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, de um campus do interior. As autoras utilizaram como aporte teórico os conceitos gerais da Aprendizagem Colaborativa, como a importância da interação social em contextos de sala de aula de línguas, e em conceitos basilares discutidos por Bakhtin e seu Círculo, tais como a enunciação e o sujeito dialógico. O *corpus* foi gerado a partir de uma atividade avaliativa pautada na Aprendizagem Colaborativa e em uma entrevista. Posteriormente, esses dados foram transcritos e categorizados a partir dos conceitos bakhtinianos. De acordo com as autoras, os resultados apontam que os participantes não responderam de forma colaborativa à realização da tarefa proposta, no entanto, destacaram, na entrevista, que os resultados dos trabalhos são mais eficazes quando realizados em grupo. Apesar das contradições encontradas entre os discursos e as ações dos participantes, o estudo mostra a importância de promover, no contexto do EJA, um processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira que valorize práticas educacionais mais descentralizadas e pautadas na colaboração. A relevância do estudo se mostra à medida que discute a importância da Aprendizagem Colaborativa em um contexto historicamente marcado pela falta de autonomia e emancipação, como é o caso da EJA.

“Família e o processo de desenvolvimento da escrita do estudante de língua materna”, de Simone Rocha dos Santos e Mirelle da Silva Freitas, aborda a interferência da família no processo de desenvolvimento da escrita em língua materna do estudante e busca evidenciar o papel que a família exerce no processo de construção da habilidade escritora do aprendiz de língua portuguesa. Nesse contexto, as autoras buscaram refletir sobre o papel da família e da escola no desenvolvimento do indivíduo para o mundo do trabalho. Para tanto, valeram-se dos estudos teóricos sobre: o desenvolvimento da escrita, esclarecendo como o processo de ensino-aprendizagem da escrita em língua materna acontece; a relação da leitura e escrita, duas vias distintas, porém dependentes; e a distinção entre alfabetização e letramento, ainda que ambos os pontos de vista remetam a representações e usos da escrita e da leitura na sociedade (BORTONIRICARDO, SOARES, ROJO, e outros). Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo: um estudo de caso interpretativista, mais precisamente uma história de vida, no intuito de evidenciar a influência da família no processo de aquisição da escrita. As ferramentas utilizadas para coleta de dados incluíram: questionário, entrevista e produção de texto da participante (Ludimilla). Segundo as autoras, os resultados da análise realizada identificaram que, no caso da participante deste estudo, a família influenciou positivamente, destacando-se como agente motivador no processo de desenvolvimento da escrita. Enquanto isso, na escola, a participante teve o primeiro contato protocolar com a língua formal ensinada pela professora que a instigava a treinar a escrita em casa.

Ainda no grande campo da Linguística Aplicada, a fim de contribuir para a reflexão sobre o ensino de Língua Portuguesa no contexto público e básico, Renata Alves assina “Projetos de Multiletramentos como caminho pedagógico para o ensino de Língua Portuguesa no contexto básico”. Nesse artigo, Alves reflete sobre a perspectiva de projetos de multiletramentos como caminho metodológico e pedagógico como forma de aproximar o contexto escolar à vivência extraescolar do aluno. A autora defende que as práticas sociais de leitura e escrita como ponto de partida, na disciplina de Língua Portuguesa, contribuem para uma aprendizagem significativa e relacionada estreitamente à vida. Foi tomado como elemento fundante que as tecnologias alteraram os modos de comunicação contemporâneos ao possibilitarem um novo éthos (LANKSHEAR; KNOBEL, 2012). Isso teve impacto no ensino-aprendizagem de língua, visto que as práticas sociais de leitura e escrita do alunado estão agora mais híbridas e colaborativas. Foram considerados como aporte-teórico os estudos do New London Group (2006 [2000]) e Projetos de Letramentos (CUNHA; KLEIMAN; TINOCO, 2013; CUNHA, 2010; TINOCO, 2008, 2011), bem como privilegiados o quadro teórico sobre as culturas juvenis (FEIXA, 2000, 2012; REGUILLO CRUZ, 2012). Por fim, a autora destacou a necessidade de considerar as flexibilizações curriculares a fim de atender essas novas demandas sociais.

Também engrossando as pesquisas de letramento, o artigo “A escrita no contexto universitário: perspectivas para o letramento acadêmico”, de

Záira Bomfante dos Santos e Rita de Cássia Cristofoleti, analisa trabalhos que têm proposto, no contexto atual, a discussão da leitura e escrita no espaço universitário, buscando compreender o processo de apropriação da palavra de outrem. As autoras compreendem a concepção de escrita como um desenrolar em que os alunos são formados para a pesquisa, situando-se num processo de agenciamento de escrita de pesquisa em formação. Assim, Záira Bomfante dos Santos e Rita de Cássia Cristofoleti buscam traçar uma contextualização da importância epistemológica da concepção sociosemiótica e da concepção de letramento e suas implicações para o contexto acadêmico. As autoras promovem uma discussão sobre a escrita no espaço universitário, vinculando a discussão a partir de nossa experiência de ensino e pesquisa desenvolvida em um programa institucional de apoio acadêmico a alunos de graduação. Como resultado, as autoras indicam os projetos de letramento como alternativa para o desenvolvimento de um trabalho contextualizado com os gêneros discursivos.

Fechando esses vários estudos no entrecruzamento de linguagem e ensino, e já abrindo para o arcabouço teórico-metodológico da Análise Crítica do Discurso, em “A Literatura como mudança das práticas sociais: elo entre literatura e cinema”, Gilberto Giovani Couto e Cláudia Maris Tullio refletem sobre a implementação do trabalho didático-pedagógico aplicado no Colégio Estadual Visconde de Guarapuava – Ensino Fundamental, Médio e Normal em Guarapuava, Paraná, como parte do PDE - Programa de Desenvolvimento Educacional. O objetivo do trabalho foi a análise de obras literárias e suas respectivas adaptações cinematográficas, com estudantes do Ensino Médio. Para isso, os autores se basearam na Análise Crítica do Discurso, que ressalta a importância de “leituras de mundo” quanto às relações de poder presentes na sociedade (no caso, contemporânea). Assim, o objetivo foi colocar o adolescente em um universo que poucas vezes é visto de forma crítica, propiciando reflexões e mudanças nas suas práticas de vida. A pesquisa é de cunho qualitativo, com bibliografia centrada principalmente nos autores Fairclough (2012) e Van Dijk (2015) - além da pesquisa de campo mencionada. As obras literárias e cinematográficas analisadas foram: o livro *Dom Casmurro* (1985[1899]), de Machado de Assis, o filme *Dom*, do diretor Moacyr Góes (2003), o romance *A hora da estrela* (1998[1977]), de Clarice Lispector, o filme homônimo à obra, dirigido por Suzana Amaral (1987), o livro *Ensaio sobre a lucidez* (2004), de José Saramago, o livro *Desmundo* (1996), de Ana Miranda, e o filme homônimo de Alan Fresnot (2003). Gilberto Giovani Couto e Cláudia Maris Tullio concluem que houve contribuições relevantes do ponto de vista do aprofundamento nas diferentes formas de leitura, bem como e consequentemente nas análises de relações de poder.

Em outro trabalho em Análise do Discurso, mas agora em sua vertente francesa, mais exatamente aquela formulada por Michle Pêcheux, “Memorial do Holocausto”, Maria Cláudia Teixeira e Raquel Baldissera apresentam a análise de quatro texto-imagens, parte do projeto artístico intitulado *Yolocaust*, referente ao Memorial aos Judeus Mortos da Europa

ou Memorial do Holocausto (Holocaust-Mahnmal). Neste artigo, as autoras objetivam mostrar como se instauram efeitos de sentidos sobre a memória e o esquecimento. Para tanto, baseiam-se em quatro materialidades tomadas como *corpus* as quais são de autoria do artista Shahak Shapira, que ressignifica fotografias tiradas por turistas no referido Memorial do Holocausto e usadas em perfis de redes sociais. As autoras têm como fundamentação teórica, conforme já foi dito, a Análise de Discurso de linha francesa do filósofo francês Michel Pêcheux, com as implementações posteriores desenvolvidas pela brasileira Eni Orlandi. Como resultado, Maria Cláudia Teixeira e Raquel Baldissera sugerem que, ao ressignificar as imagens, o sujeito artista materializa a memória do holocausto, dos campos de concentração no projeto *Yolocaust*, e produz um efeito de conscientização histórica ao produzir a materialização do atravessamento entre o intra e o interdiscurso.

Outro artigo que partilha de um pano de fundo de autores analistas do discurso pecheutianos é “O complexo mosaico da Língua Portuguesa nos países membros da CPLP: um breve panorama”, de Natalia Moreira Tosatti. Nete a autora problematiza a questão de que a língua portuguesa se estenda por múltiplos territórios, assumindo status e situações sociolinguísticas diversificadas, podendo ser caracterizada como língua transnacional (ZOPPI-FONTANA, 2009) ou língua internacional. A problematização se dá quando essa abrangência da língua portuguesa provoca discussões sobre o seu papel em espaços de pluralidade linguística que buscam construir uma identidade nacional. O artigo se propõe a apresentar um breve panorama dos espaços de enunciação (GUIMARÃES, 2002, 2005) que o português ocupa em países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e discutir a relação entre língua e algumas ações de política linguística. A autora defende que é questionável a ideia de lusofonia como lugar de integração e aproximação dos países que partilham a língua portuguesa, uma vez que, na maioria dos países *lusófonos*, há tensões entre o português – língua oficial – e as línguas nacionais.

Agora o artigo “Os aspectos semânticos na expressão da modalidade volitiva nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola”, de André Silva Oliveira e Nadja Paulino Pessoa Prata, conforme prometido no título, estuda os aspectos semânticos envolvidos nos discursos do Papa Francisco proferidos em língua espanhola. Os autores se baseiam no arcabouço teórico da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008), no tocante à modalidade volitiva, que está relacionada ao que é (in) desejável. Para tanto, foram selecionados treze discursos proferidos pelo Santo Padre em viagem apostólica aos países de língua espanhola (Cuba, México, Bolívia, Equador e Paraguai) e de forte concentração hispânica (Estados Unidos). Como resultado de análise do *corpus* e o cruzamento dos dados, temos que há uma inter-relação entre as categorias de ordem semântica, em que os valores modais volitivos condicionaram apenas o Modo, enquanto a fonte e o alvo da atitude modal volitiva condicionaram tanto o Tempo quanto o Modo.

Com outro método científico-linguístico, o artigo “Definições de termos técnico-científicos do domínio da linguística em dicionários gerais”, de Beatrice Nascimento Monteiro e Ismael Paulo Cardoso Alves, mostra que a Lexicografia é uma área que tem se expandido de maneira intensa nos últimos anos dentro da Linguística. Inserido nesse viés de análise de obras lexicográficas, esse artigo que compõe este periódico se dedica a um subconjunto do léxico geral: os itens terminológicos, mais especificamente, termos do domínio da Linguística. Tomando como *corpus* dicionários gerais, os autores examinaram as definições de termos técnico-científicos nessas obras, analisando a sistematicidade da inclusão de alguns termos bem como a adequação e os detalhamentos dos textos definitórios. A discussão teórica apresentada é fundamentada principalmente em Biderman (2001), Krieger (2006, 2011), Almeida (2011) e Maciel (2011). Os dicionários gerais analisados foram: Houaiss e Aurélio (versões eletrônicas) e Aulete (digital). Foram selecionados, para a análise, cinco itens lexicais que comportam tanto acepções mais gerais quanto específicas do domínio da Linguística: língua, fala, texto, discurso e gênero. Monteiro e Alves constataram que os dicionários, muitas vezes, desconsideram a polissemia dos itens lexicais, abarcando tão somente as acepções de uso corriqueiro das palavras, sem fazer menção a seu uso específico na área da Linguística.

Finalmente, o artigo “Para além do uso em perguntas (não) retóricas, *né?* Discursivização da partícula *né?* nas narrativas de mulheres do município de Itaberaba, BA”, de Thiago Alves de Santana, investiga, à luz dos pressupostos teóricos da Linguística Funcionalista, as funções exercidas pela partícula *né?* nas ocorrências de um *corpus* constituído por narrativas de duas informantes da cidade de Itaberaba, na Bahia. O objetivo principal do artigo foi descrever as funções semânticas manifestadas pela partícula *né?* nas entrevistas, analisando, dentre outras coisas, se este item tem sido usado com seu sentido original de pergunta não retórica. Os resultados da análise, considerando os princípios teóricos da discursivização, tais como os aspectos pragmáticos e interativos, apontam que a partícula em análise é usada em pergunta não retórica e pergunta retórica; e como marcador discursivo e preenchedor de pausa.

### 3. UM FIM PARA UM COMEÇO DE OUTRAS LEITURAS

Propusemos aqui não apenas fazer um brevíssimo histórico da linguística no século XX, mas uma pequena introdução aos leitores da diversidade de leituras que se lhes abrem aqui. Conforme deve ter ficado claro, muitos desses textos têm como objetivo a análise linguística em ambientes de ensino-aprendizagem. Esses textos ficaram reunidos no início, ainda que a metodologia de análise não seja a mesma em todos - em muitos deles apenas o grande rótulo “Linguística Aplicada” pode ser compartilhado entre si.

Enfim, vemos um conjunto de três textos dedicados a outra grande disciplina dentro da linguística: a análise do discurso. Confirmando esse outro grande termo guarda-chuva, nesse pequeno mostruário temos artigos da vertente anglo-saxã e da vertente europeia e suas diferentes metodologias de análise discursiva.

Finalmente, como convém a uma coletânea atemática de nossa grande área Linguística, terminamos com um excelente mostruário de outros métodos de pesquisa, o que sempre revela não alguma inconsistência de nossa ciência, mas, isso sim, uma de suas grandes riquezas: uma enorme diversidade metodológica. Para todos os gostos, esperamos que essa seja mais uma boa contribuição para a pesquisa em Estudos da Linguagem.

---

## REFERÊNCIAS:

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Editora UNICAMP, 1992.

CALVET, Jean-Luis. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de M. Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002 [1993].

MARCUSCHI, L. A. Breve excursão sobre a Linguística no Século XX. \_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTIN, R. Para entender a Linguística: epistemologia elementar de uma disciplina. Tradução: M. Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Org.). **Linguística Aplicada: um caminho com muitos acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-24. Disponível em: <https://ufscdeutsch2010.files.wordpress.com/2010/10/nps156.pdf> Acesso: 23/11/2020 às 23:40.

REES-MILLERS, Janie. Applied Linguistics. In.: ARONOFF, M.; REES-MILLER, J. (Eds.). **The Handbook of Linguistics**. Oxford: Blackwell Publisher, 2003.

SANDERS, Carol. Introduction: Saussure today. In.: \_\_\_\_ (Ed.). **The Cambridge Companion to Ferdinand de Saussure**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

WILSON, Victoria.; OLIVEIRA, M. Rios de. Linguística e ensino. In: MARTELOTTA et al. **Manual de Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.